

SARAH J. MAAS

CORTE de  
CHAMAS  
PRATEADAS

*Tradução*  
Mariana Kohnert

1ª edição

— **Galera** —

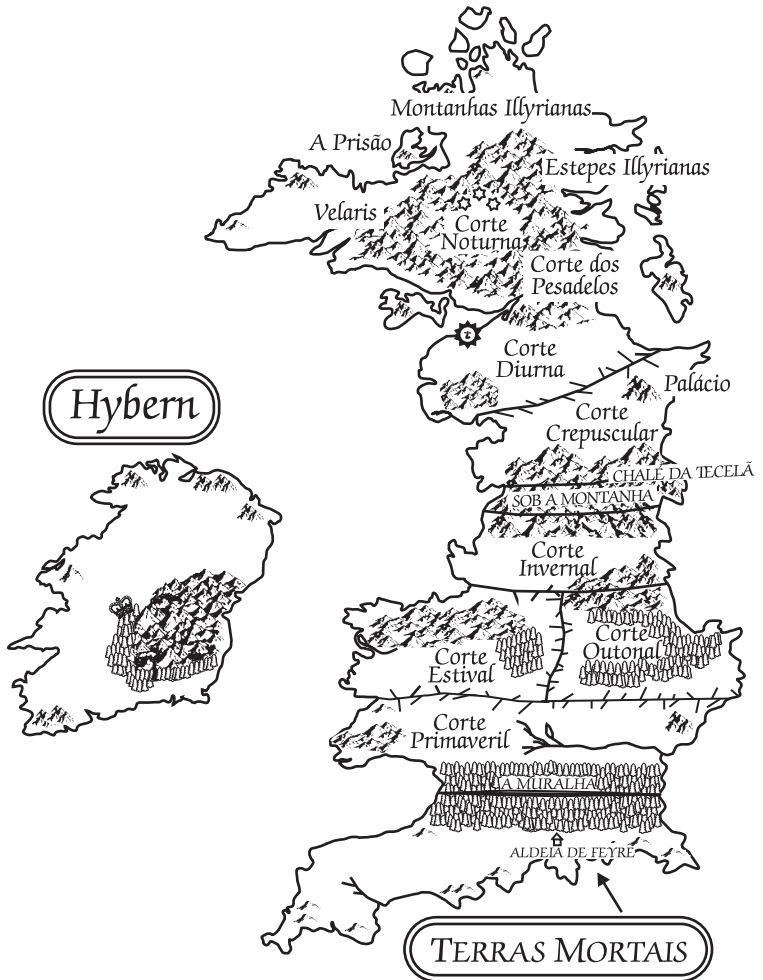
RIO DE JANEIRO

2021

*Para cada Nestha no mundo –  
escale a montanha.*

*E para Josh, Taran e Annie,  
Que são o motivo pelo qual eu escalo a minha.*

# Prythian





Montesere

Vallahan

Rask

# Terras Feéricas

AO NORTE PARA OS REINOS FEÉRICOS



AO SUL PARA AS TERRAS MORTAIS

A MURALHA

Scythia

# TERRAS MORTAIS

A água escura batendo em seus calcanhares agitados era de congelar.

Não era como o ardor do frio do inverno, nem mesmo como o queimar de gelo sólido, mas algo mais frio. Mais profundo.

O frio do espaço entre as estrelas, o frio de um mundo antes da luz.

O frio do inferno — do verdadeiro inferno, percebeu ela, ao dar um pinote contra as mãos fortes que tentavam enfiá-la naquele Caldeirão.

Verdadeiro inferno, porque era Elain que estava caída no piso de pedra com o macho feérico de cabelos vermelhos e um olho só curvado sobre ela. Porque eram orelhas pontiagudas aparecendo entre o cabelo castanho-dourado encharcado de sua irmã, enquanto um brilho imortal irradiava da pele clara de Elain.

Verdadeiro inferno — pior do que as profundezas de nanquim que estavam a meros centímetros dos dedos dela.

*Mergulhe-a*, ordenou o rei feérico de expressão severa.

E, pelo som daquela voz, da voz do macho que tinha feito aquilo com Elain...

Ela sabia que entraria no Caldeirão. Sabia que perderia aquela briga.

Sabia que ninguém viria salvá-la: não a Feyre aos prantos, não o antigo amor amordaçado de Feyre, nem o novo parceiro arrasado dela.

Nem Cassian, desmantelado e sangrando no chão. O guerreiro ainda tentava se levantar sobre os braços trêmulos. Tentava chegar até ela.

O rei de Hybern é quem havia feito aquilo. Com Elain. Com Cassian. E com ela.

A água gélida bateu nas solas de seus pés.

Era um beijo venenoso, uma morte tão permanente que cada centímetro dela rugiu em rebeldia.

Ela entraria, mas não sem lutar.

A água agarrou seus calcanhares com garras fantasma, puxando-a para baixo. Ela se virou, desvencilhando o braço do guarda que a segurava.

E Nestha Archeron apontou. Um dedo em direção ao rei de Hybern.

Uma promessa de morte. Um alvo marcado.

Mãos a empurraram para as garras da água à espera.

Nestha gargalhou do medo que viu nos olhos do rei pouco antes de a água devorá-la por inteira.

*No início*

*E no fim*

*Havia Escuridão*

*E nada mais*

Ela não sentiu frio ao mergulhar em um mar sem fundo, sem horizonte, sem superfície. Mas sentiu a queimação.

A imortalidade não era uma juventude serena.

Era fogo.

Era minério derretido sendo derramado em suas veias, fervendo seu sangue humano até que não passasse de vapor, forjando seus ossos quebradiços até que se tornassem aço fresco.

E quando ela abriu a boca para gritar, quando a dor rasgou ao meio quem era, não houve som. Não havia nada naquele lugar que não fosse escuridão e agonia e poder...

Eles pagariam. Todos eles.

Começando por esse Caldeirão.

Começando *agora*.

Ela avançou pela escuridão com garras e presas. Rasgou, partiu e dilacerou.

E a eternidade escura em torno de Nestha estremeceu. Deu pinotes. Debateu-se.

Ela gargalhou conforme o breu se encolhia. Gargalhou com a boca cheia do poder intocado que acabara de arrancar e engolir de uma vez; gargalhou dos punhados de eternidade que enfiou no coração, nas veias.

O Caldeirão lutou como um pássaro sob a pata de um gato. Ela se recusou a soltar.

Tudo que ele havia roubado dela, de Elain, ela tomaria de volta.

Envoltos em eternidade sombria, Nestha e o Caldeirão se entrelaçaram, queimando pela escuridão como uma estrela recém-nascida.

PARTE UM  
NOVATA

# CAPÍTULO 1



Cassian levou o punho até a porta verde no corredor escuro e hesitou.

Ele havia ceifado mais inimigos do que se importava em contar, tinha ficado de pé com sangue até os joelhos em incontáveis campos de batalha e continuara golpeando com a espada, fizera escolhas que haviam lhe custado a vida de guerreiros habilidosos, fora general, soldado de infantaria e assassino, e, no entanto... ali estava ele, abaixando o punho.

Hesitando.

O prédio do lado norte do rio Sidra precisava de uma pintura. De acordo com as tábuas que rangiam sob suas botas, precisava de um piso novo também. Pelo menos o lugar era limpo. Definitivamente nada convidativo para os padrões de Velaris, mas como a própria cidade não tinha bairros desfavorecidos, isso não significava muito. Ele vira e se hospedara em lugares bem piores.

Mesmo assim, jamais entendera por que Nestha insistia em morar ali. Até compreendia por que ela não aceitava morar na Casa do Vento — era longe demais da cidade, e ela não podia voar ou atravessar até lá, o que significava ter que lidar com os dez mil degraus para cima e para baixo. Mas por que viver nesse lixo, quando a casa na cidade estava vazia? Desde que a obra na ampla casa diante do rio de Feyre e Rhys tinha terminado, a casa na cidade havia ficado aberta para qualquer dos amigos deles que precisasse ou quisesse. Ele sabia que Feyre tinha oferecido a Nestha um quarto ali — o qual fora recusado.

Cassian franziu a testa para a pintura descascando na porta. Nenhum som passava pela fenda considerável entre a porta e o chão, larga o bastante

para que até mesmo o maior dos ratos zigzagueasse por baixo; não havia nenhum cheiro recente no corredor apertado.

Talvez ele desse sorte e ela estivesse fora — quem sabe dormindo atrás do balcão de qualquer que fosse a taverna sórdida a que ela fora na noite anterior. Embora talvez isso fosse pior, pois ele precisaria ir até lá atrás dela.

Cassian levantou o punho de novo e o vermelho do Sifão piscou sob as antigas luzes feéricas embutidas no teto.

*Covarde. Não demonstre medo, merda.*

Cassian bateu uma vez. Duas.

Silêncio.

Cassian quase suspirou alto de alívio. *Putá merda, graças à Mãe...*

Passos curtos e precisos soaram do outro lado da porta. Cada um mais irritado do que o anterior.

Ele fechou bem as asas, esticando os ombros enquanto afastava os pés. Uma pose de luta tradicional, com a qual fora forjado durante seus anos de treinamento e agora se transformara em simples memória muscular. Cassian não ousou pensar no porquê o som de passos fizera com que seu corpo assumisse aquela posição.

O estalo conforme ela abria cada uma das quatro trancas poderia muito bem ter sido a percussão de um tambor de guerra.

Cassian percorreu a lista de coisas que deveria dizer, como Feyre havia sugerido que as dissesse.

A porta foi aberta com um puxão, a maçaneta girou tão forte que Cassian se perguntou se ela estava fingindo que era o pescoço dele.

Nestha Archeron já estava de cara fechada. Mas ali estava ela.

Com uma aparência terrível.

— O que você quer? — Ela não abriu a porta mais do que um palmo.

Quando foi que a vira pela última vez? Naquela festa de fim de verão na barca no Sidra, no mês passado? Ela não estava tão mal assim. Muito embora ele desconfiasse que uma noite tentando se afogar em vinho e licor jamais deixasse alguém com uma aparência particularmente boa na manhã seguinte. Ainda mais às...

— São sete horas da manhã — prosseguiu ela, perfurando-o com aquele olhar cinza-azulado que sempre atiçava o temperamento de Cassian.

Ela estava com a camisa de algum macho. Pior, ela estava *apenas* com a camisa de algum macho.

Cassian apoiou uma das mãos na ombreira da porta e deu um meio-sorriso que sabia que a provocava.

— Noite difícil?

Ano difícil, na verdade. O lindo rosto dela estava pálido, muito mais magro do que fora antes da guerra contra Hybern, os lábios, sem cor, e aqueles olhos... Frios e aguçados, como as manhãs de inverno nas montanhas.

Não havia alegria nem sorriso em nenhum canto do rosto. Em nenhuma parte dela.

Nestha fez menção de fechar a porta na mão dele.

Cassian enfiou a bota na abertura antes que ela conseguisse quebrar seus dedos. As narinas de Nestha se dilataram levemente.

— Feyre quer você na casa.

— Qual delas? — falou Nestha, franzindo a testa ao mirar o pé que ele havia enfiado na porta. — Ela tem cinco.

Cassian conteve a réplica. Aquele não era o campo de batalha — e ele não era oponente dela. Seu trabalho era transportá-la até o local designado. E então rezar para que a linda casa para a qual Feyre e Rhys haviam acabado de se mudar não fosse reduzida a escombros.

— A nova.

— Por que minha irmã não veio me buscar pessoalmente? — Ele conhecia aquele brilho desconfiado no olhar dela, aquele leve enrijecer das costas. Seus próprios instintos vieram à tona para enfrentar a rebeldia dela, para continuar insistindo até descobrir o que poderia acontecer.

Desde o Solstício de Inverno, eles haviam trocado poucas palavras. A maioria delas fora na festa da barca, no mês passado. E consistiam em:

*Sai.*

*Oi, Nes.*

*Sai.*

*Com prazer.*

Depois de meses e meses de nada, de mal vê-la em lugar nenhum, fora apenas isso.

Ele nem mesmo havia compreendido por que ela fora até a festa, ainda mais sabendo que ficaria presa no barco com eles durante horas. Devido a qualquer que fosse a influência que tinha sobre Nestha, era provavelmente Amren quem merecia o crédito por sua rara aparição. Mas ao fim daquela

noite, Nestha estava na frente da fila para sair do barco com braços cruzados firmemente diante do corpo, e Amren estava emburrada na outra ponta, quase trêmula de ódio e desprezo.

Ninguém perguntou o que havia acontecido entre elas, nem mesmo Feyre. O barco aportou e Nestha tinha praticamente corrido para fora, e ninguém falara com ela desde então. Até hoje. Até esta conversa, que parecia a mais longa que tiveram desde as batalhas contra Hybern.

Cassian disse, por fim:

— Feyre é Grã-Senhora. Ela está ocupada governando a Corte Noturna.

Nestha inclinou a cabeça e seu cabelo castanho-dourado escorreu sobre um ombro ossudo. Em qualquer outra pessoa, o movimento teria sido de contemplação. Nela, era o aviso de um predador, avaliando a presa.

— E minha irmã — disse ela, com aquela voz inexpressiva que se recusava a entregar qualquer sinal de emoção — considerou minha *presença imediata* necessária?

— Ela sabia que você provavelmente precisaria se limpar, e queria lhe dar tempo. Sua presença é esperada às nove horas.

Ele esperou pela explosão enquanto ela fazia as contas.

Os olhos de Nestha se incendiaram.

— E por acaso parece que preciso de *duas horas* para ficar apresentável?

Cassian aproveitou o convite para avaliá-la: longas pernas nuas, uma elegante curva de quadril, cintura afunilada — magra demais, caramba — e seios fartos, convidativos, que destoavam dos novos ângulos acentuados do corpo dela.

Em qualquer outra fêmea, aqueles seios magníficos poderiam ser motivo suficiente para que ele comesse a cortejá-la desde o momento em que a conheceu. Mas desde que conhecera Nestha, o fogo frio nos olhos dela criou uma tentação diferente.

E agora que ela era Grã-Feérica, cheia de domínio e agressão inerentes — e uma atitude deplorável —, ele a evitava o máximo possível. Principalmente com o que tinha acontecido durante e depois da guerra contra Hybern. Ela deixara seus sentimentos por ele bastante evidentes.

Por fim, Cassian falou:

— Você parece que precisa de umas refeições fartas, um banho e roupas de verdade.

Nestha revirou os olhos, mas levou os dedos à bainha da camisa.

Cassian acrescentou:

— Expulse o coitado e limpe-se que eu lhe trago um chá.  
As sobrancelhas dela se ergueram uma fração de centímetro.  
Ele deu um sorriso torto.

— Acha que não consigo ouvir aquele macho no seu quarto, tentando silenciosamente se vestir e sair de fininho pela janela?

Como se em resposta, uma batida abafada veio do quarto. Nestha sibilou.

— Volto em uma hora para ver como as coisas estão. — Cassian enfatizou bem as palavras, de modo que seus soldados saberiam que não deveriam provocá-lo, eles seriam lembrados de que ele precisava de sete Sifões para controlar a magia por um bom motivo. Só que Nestha não voava nas legiões dele, não lutava sob seu comando, e certamente não parecia se lembrar de que Cassian tinha mais de quinhentos anos e...

— Não se dê ao trabalho. Vou chegar na hora.

Ele se afastou da ombreira da porta, e suas asas se abriram levemente conforme ele recuou alguns passos.

— Não foi isso que me pediram para fazer. Devo acompanhar você de uma porta a outra.

A expressão do rosto dela se contraiu.

— Vá se empoleirar numa chaminé.

Sem ousar tirar os olhos dela, ele esboçou uma reverência. Nestha surgira do Caldeirão com... dons. Dons consideráveis... e sombrios. Mas ninguém tinha visto ou sentido qualquer sinal deles desde aquela última batalha contra Hybern, desde que Amren estilhaçara o Caldeirão e que Feyre e Rhys tinham conseguido curá-lo. Elain também não havia dado qualquer indicação das habilidades de vidência dela desde então.

Mas se o poder de Nestha permanecia ali, ainda capaz de arrasas campos de batalha... Cassian sabia que não deveria se fazer vulnerável para outro predador.

— Quer o chá com leite ou limão?

Ela bateu a porta na cara dele.

Depois trancou todas as quatro travas.

Assovando consigo mesmo e se perguntando se aquele pobre coitado dentro do apartamento realmente fugiria pela janela — provavelmente para escapar *dela* —, Cassian saiu andando pelo corredor escuro e foi procurar comida.

Ele precisaria de sustância naquele dia. Principalmente depois que Nestha descobrisse exatamente por que a irmã a havia convocado.



Nestha Archeron não sabia o nome do macho em seu apartamento.

Ela vasculhou a memória afogada em vinho enquanto voltava para o quarto, desviando de pilhas de livros e roupas amontoadas, lembrando-se de olhares ferosos na taverna, do encontro molhado e quente da boca deles, do suor que a cobria conforme ela o cavalgava até que o prazer e a bebida a lançassem para o divino esquecimento, mas não se lembrou do nome dele.

O macho já estava debruçado para fora da janela, e Cassian sem dúvida espreitava na rua abaixo para testemunhar a saída espetacularmente patética dele, quando Nestha chegou ao quarto escuro e apertado. A cama de bronze com dossel estava amassada, os lençóis meio jogados no piso de madeira irregular que rangia, e a janela rachada batia contra a parede nas dobradiças frouxas. O macho se virou para ela.

Ele era belo, da forma como a maioria dos machos Grão-Feéricos são. Um pouco mais magro do que ela gostava — praticamente um menino comparado com a imensa massa de músculos que acabara de preencher a porta de entrada dela. Ele se encolheu conforme Nestha entrou, sua expressão parecendo sofrida quando ele percebeu o que ela usava.

— Eu... Isso é...

Nestha se despiu da camisa dele, exibindo nada além de pele nua. Os olhos do macho se arregalaram, mas o cheiro do medo dele não se desfez — não medo dela, mas do macho que ele ouvira na porta da entrada. Que o fez se lembrar de quem era a irmã dela. De quem era o parceiro da irmã dela. Os amigos da irmã dela. Como se qualquer uma dessas coisas significasse algo.

Qual seria o cheiro de seu medo se o macho descobrisse que ela o havia usado, dormido com ele para se controlar? Para acalmar aquela força sombria que se contorcia e que havia fervilhado dentro dela desde o momento em que emergira do Caldeirão? No último ano, ela aprendera que sexo, música e bebida ajudavam. Não completamente, mas ajudavam a evitar que o poder fervesse. Mesmo que ainda conseguisse senti-lo em seu sangue, contraído firme em torno de seus ossos.

Ela atirou a blusa branca nele.

— Pode usar a porta da frente agora.

Ele enfiou a camisa pela cabeça.

— Eu... ele ainda... — O olhar do macho ficava se voltando para os seios dela, rígidos devido à manhã fria, para a pele nua e para o ápice entre as coxas.

— Tchou. — Nestha entrou no banheiro enferrujado e alagado junto ao quarto. Pelo menos o lugar tinha água quente na torneira.

Às vezes.

Feyre e Elain haviam tentado convencê-la a se mudar. Ela sempre ignorara o conselho delas. Assim como ignoraria o que quer que fosse dito naquele dia. Ela sabia que Feyre planejava um sermão. Talvez alguma coisa a ver com o fato de que Nestha tinha colocado a comanda obscena da taverna na noite anterior na conta bancária da irmã dela.

Nestha deu um riso de deboche enquanto girava a maçaneta da banheira. A torneira rangeu, o metal era gelado ao toque, e água escorreu, então jorrou na banheira rachada e manchada.

Aquela era a residência dela. Nenhum criado, nenhum olho monitorando e julgando cada movimento seu, nenhuma companhia, a não ser que ela convidasse. Ou a não ser que guerreiros enxeridos e arrogantes se incumbissem de aparecer.

Levou cinco minutos até que a água esquentasse o bastante para que ela começasse a encher a banheira. Houve alguns dias no ano anterior em que ela nem havia se dado ao trabalho de perder tempo. Alguns dias em que entrou na água gelada e não sentiu o frio da banheira, mas o das profundezas escuras do Caldeirão conforme ele a devorava por inteiro. Conforme arrancava sua humanidade, sua mortalidade, e a transformava *nisso*.

Foram meses lutando contra aquilo — o pânico que lhe tensionava o corpo e fazia com que seus ossos tremessem quando eram submersos. Mas ela havia se obrigado a enfrentar. Aprendera a se sentar na água gélida, enjoada e trêmula, com os dentes trincados; recusara-se a se mover até que seu corpo reconhecesse que estava em uma banheira e não no Caldeirão, que estava no apartamento e não no castelo de pedra do outro lado do oceano, que estava viva, imortal. Embora seu pai não estivesse.

Não, seu pai era cinzas ao vento, sua existência estava marcada apenas por uma lápide em uma colina fora da cidade. Ou era o que suas irmãs lhe haviam dito.

*Eu amei você desde o primeiro momento em que a segurei nos braços*, dissera o pai para ela naqueles últimos momentos juntos.

*Não coloque as mãos imundas em minha filha.* Essas tinham sido as últimas palavras dele, disparadas ao rei de Hybern. O pai dela desperdiçara suas últimas palavras com aquele verme de rei.

O pai dela. O homem que jamais lutara por suas filhas, não até o fim. Quando havia ido salvá-las — salvar humanos e feéricos, obviamente, mas principalmente as filhas. Salvá-la.

Que grande e estúpido desperdício.

Um poder sombrio e profano fluiu dela, mas não fora o bastante para impedir que o rei de Hybern quebrasse o pescoço de seu pai.

Nestha odiara o pai, odiara profundamente, e, no entanto, por algum motivo inexplicável, ele a amara. Não o suficiente para tentar poupá-las da pobreza ou evitar que passassem fome. Mas, de alguma forma, fora o bastante para que ele reunisse um exército no continente. Para que velejasse com um navio nomeado em homenagem a ela até a batalha.

Nestha ainda odiava o pai naqueles últimos momentos. E então o pescoço dele se partiu, e os olhos não estavam cheios de medo quando morreu, mas cheios daquele amor tolo por ela.

Era isso que havia permanecido, essa expressão do olhar dele. O ressentimento no coração enquanto ele morria por ela. Aquilo tinha apodrecido, remoendo Nestha como o poder que ela enterrava profundamente, percorrendo descontroladamente a mente dela até que nenhum banho gelado conseguisse fazê-la esquecer.

Ela poderia ter salvado o pai.

A culpa era do rei de Hybern. Ela sabia. Mas também era dela. Assim como era culpa dela que Elain tivesse sido capturada pelo Caldeirão depois que Nestha o espionou usando aquela adivinhação, culpa dela que Hybern tenha feito coisas tão terríveis para caçar a ela e a irmã como cervos.

Havia dias em que o mero pesar e pânico travavam o corpo de Nestha de tal forma que nada conseguia fazer com que ela respirasse. Nada conseguia impedir que o terrível poder começasse a emergir, emergir e emergir dentro dela. Nada além da música naquelas tavernas, dos jogos de baralho com estranhos, das intermináveis garrafas de vinho e do sexo que não lhe dava prazer nenhum — mas oferecia um momento de alívio em meio aos rugidos dentro dela.

Nestha terminou de lavar o suor e outros resquícios da noite anterior. O sexo não fora ruim — já tivera melhores, mas também muito piores.

Nem mesmo a imortalidade era tempo o suficiente para que alguns machos dominassem a arte do quarto.

Então ela ensinou a si mesma do que gostava. Tinha conseguido um chá contraceptivo mensal no boticário local, e então levava o primeiro macho até ali. Ele não tinha a menor ideia de que a virgindade dela estava intacta até que viu a mancha de sangue nos lençóis. O rosto do macho havia se contraído de desgosto, e depois foi tomado por um brilho de medo de que ela denunciasse uma primeira vez insatisfatória para a irmã. Para o insuportável parceiro da irmã dela. Nestha nem se dera ao trabalho de contar a ele que evitava os dois a todo custo. Principalmente o segundo. Ultimamente, Rhysand parecia contente em fazer o mesmo.

Depois da guerra contra Hybern, Rhysand tinha oferecido empregos a ela. Posições na corte dele.

Ela não as queria. Eram ofertas feitas por pena, tentativas disfarçadas de fazer com que ela participasse da vida de Feyre, que estivesse merecidamente empregada. Mas o Grão-Senhor jamais gostara dela. As conversas deles eram friamente civilizadas, na melhor das hipóteses.

Ela nunca havia contado a ele que os motivos pelos quais ele a odiava eram os mesmos motivos pelos quais ela morava ali. Tomava banhos frios alguns dias. Esquecia-se de comer em outros. Não suportava os crepitares e estalos de uma lareira. E se afogava em vinho e música e prazer toda noite. Cada maldita coisa que Rhysand pensava dela era verdade — e ela sabia muito antes de ele sequer surgir à porta dela.

Qualquer oferta que Rhysand lhe atirasse era feita apenas por amor a Feyre. Era melhor que ela passasse seu tempo da forma como desejava. Eles continuavam pagando, afinal de contas.

A batida à porta chacoalhou o apartamento inteiro.

Nestha olhou com raiva para o cômodo da frente, considerando fingir que tinha saído, mas Cassian conseguia ouvi-la e sentia o cheiro dela. E se ele quebrasse a porta, o que provavelmente faria, ela apenas teria a dor de cabeça de explicar para o proprietário sovina.

Então Nestha colocou o vestido que tinha deixado no chão na noite anterior e, de novo, abriu todas as quatro trancas. Ela as havia instalado assim que se mudou. Trancá-las toda noite era praticamente um ritual. Mesmo quando os machos anônimos estavam lá, mesmo fora de si devido ao vinho, ela se lembrava de trancá-las.

Como se isso fosse manter longe os monstros desse mundo.

Nestha puxou a porta o suficiente para ver o sorriso arrogante de Cassian, e a deixou entreaberta conforme sumiu para buscar os sapatos.

Ele entrou atrás dela, com uma xícara de chá na mão — louça que provavelmente foi emprestada da loja da esquina. Ou simplesmente dada a ele, considerando como as pessoas costumavam adorar o chão pelo qual as botas enlameadas dele passavam. Cassian já era adorado naquela cidade antes do conflito com Hybern. O heroísmo e o sacrifício dele e os feitos que realizara nos campos de batalha tinham lhe garantido ainda mais admiração.

Nestha não culpava os admiradores dele. Ela vivenciara o prazer e o puro terror de vê-lo naqueles campos de batalha. Ainda acordava com suor no corpo diante das memórias: como não conseguia respirar enquanto o testemunhava lutar e via inimigos o cercando; a sensação de quando o poder do Caldeirão surgira e ela soubera que ele atacaria onde o exército deles era mais forte — nele.

Nestha não conseguira salvar os mil illyrianos que haviam morrido no momento seguinte ao que ela conjurara Cassian até sua segurança. Ela se esquivava daquela lembrança também.

Cassian observou o apartamento e soltou um assovio baixinho.

— Já pensou em contratar uma faxineira?

Nestha observou a pequena área de estar — um sofá carmesim murcho, uma lareira de tijolos manchada de fuligem, uma poltrona floral comida pelas traças, então a decrepita cozinha minúscula, empilhada com colunas tortas de louça suja. Onde havia jogado os sapatos na noite anterior? Ela foi procurar no quarto.

— Um ar fresco seria um bom começo — acrescentou Cassian, do outro cômodo. A janela rangeu quando ele a abriu.

Nestha encontrou os sapatos marrons em cantos opostos do quarto. Um fedia a vinho derramado.

Nestha se sentou na beira do colchão para calçá-los, puxando os cadarços. Ela não se deu ao trabalho de olhar para cima quando os passos firmes de Cassian se aproximaram e pararam à ombreira da porta.

Ele fungou uma vez. Alto.

— Eu esperava que você ao menos trocasse os lençóis entre as visitas, mas aparentemente isso não a incomoda.

Nestha amarrou o cadarço do primeiro sapato.

— Por acaso isso é da sua conta?

Ele deu de ombros, embora a tensão em seu rosto não refletisse tanta indiferença.

— Se eu consigo sentir o cheiro de alguns machos diferentes aqui, então certamente seus companheiros também conseguem.

— Nenhum deles reclamou até agora. — Ela amarrou o outro sapato enquanto os olhos castanhos de Cassian acompanhavam o movimento.

— Seu chá está esfriando. — Ele exibiu os dentes.

Nestha o ignorou e vasculhou o quarto de novo. O casaco...

— Seu casaco está no chão, perto da porta da frente — disse Cassian. — E vai ficar frio lá fora, então traga um cachecol.

Ela ignorou isso também, mas passou por ele como uma brisa, cuidando para evitar tocá-lo, e encontrou o sobretudo azul-escuro exatamente onde ele dissera que estava. Nestha abriu a porta, gesticulando para que ele saísse primeiro.

Cassian a encarou enquanto batia os pés na direção dela, então esticou o braço...

E recolheu do gancho da parede o cachecol cerúleo e creme que Elain dera a ela de aniversário na última primavera. Ele o segurou firme no punho fechado, balançando o objeto como uma cobra estrangulada ao passar por ela.

Alguma coisa o estava incomodando. Normalmente, Cassian aguentava um pouco mais antes de deixar o temperamento levar a melhor. Talvez tivesse a ver com o que quer que Feyre quisesse dizer na casa.

O estômago de Nestha se revirou conforme fechou cada uma das trancas.

Ela não era burra. Sabia que havia inquietação desde o fim da guerra, tanto nestas terras como no continente. Sabia que, sem a barreira da Muralha, alguns territórios feéricos estavam forçando os limites do que era aceitável em termos de reivindicações de fronteiras e de como tratavam os humanos. E sabia que aquelas quatro rainhas humanas ainda estavam aboletadas no palácio que compartilhavam com seus exércitos parados e intactos.

Eram monstros, todas elas. Tinham matado a rainha de cabelos dourados que as traía e vendido outra — Vassa — para um mestre feiticeiro. Parecia adequado que a mais jovem das quatro rainhas restantes tivesse sido transformada em uma velha pelo Caldeirão. Transformada em uma féérica de vida longa, sim, mas envelhecida até se tornar uma casca murcha como punição pelo poder que Nestha tinha tomado do Caldeirão. Pela forma como ela o havia dilacerado enquanto ele dilacerava o corpo mortal dela e o transformava em algo novo.

Aquela rainha grisalha a culpava. E quisera matá-la, se é que os Corvos de Hybern falaram a verdade antes que Bryaxis e Rhysand os destruíssem por terem se infiltrado na biblioteca da Casa do Vento.

Não houvera um sussurro sobre aquela rainha durante os catorze meses desde a guerra.

Mas se alguma nova ameaça tinha surgido...

As quatro trancas pareciam zombar dela antes de Nestha seguir Cassian para fora do prédio e para o meio da cidade tumultuada adiante.



A “casa” à margem do rio era, na verdade, uma mansão, e tão nova, limpa e linda que Nestha se lembrou que seus sapatos estavam cobertos de vinho velho assim que caminhou pelo arco de mármore imponente para dentro do lustroso corredor da entrada, decorado com bom gosto em tons de marfim e areia.

Uma grandiosa escada dividia o enorme espaço, um lustre de vidro soprado — feito pelos artesãos de Velaris — pendia do teto esculpido acima. As luzes feéricas em cada reentrância com forma de ninho projetavam reflexos tremeluzentes no chão pálido de madeira polida, interrompidas apenas por samambaias em vasos, mobília de madeira também feita em Velaris e uma variedade assombrosa de obras de arte. Ela não se incomodou em prestar atenção a nenhuma delas. Tapetes azuis felpudos irrompiam do piso impecável. Um deles, longo e estreito, fluía pelos corredores cavernosos em ambos os lados; o outro percorria o arco das escadas, direto até uma parede de janelas na outra ponta dele, a qual dava para o morro gramado e o rio reluzente aos pés da grama.

Cassian tomou a esquerda — em direção às salas formais onde, como informara Feyre a Nestha durante aquele primeiro e único tour dois meses antes, aconteciam negociações. Naquele dia, Nestha estava semiembriagada e odiara cada segundo daquilo, cada cômodo perfeito.

A maioria dos machos comprava joias para as esposas e parceiras como presente escandaloso de Solstício de Inverno.

Rhys comprara um palácio para Feyre.

Não... ele havia comprado o terreno dizimado pela guerra e então dera à parceira liberdade para projetar a residência dos sonhos deles.

E de alguma forma, pensou Nestha, enquanto acompanhava em silêncio um Cassian estranhamente quieto pelo corredor na direção de um dos escri-

tórios cujas portas estavam entreabertas, Feyre e Rhys *tinham* conseguido fazer aquele lugar parecer aconchegante, acolhedor. Uma construção colossal, mas mesmo assim um lar. Até a mobília formal parecia ter sido feita visando ao conforto e ao relaxamento, para longas conversas acompanhadas de refeições saborosas. Cada obra de arte tinha sido escolhida pela própria Feyre, ou pintada por ela, muitas eram retratos e representações *deles* — dos amigos, dela própria, de sua... nova família.

Naturalmente, não havia nenhum de Nestha.

Até mesmo o maldito pai delas tinha um retrato na parede de um dos lados da grandiosa escada: ele e Elain, sorrindo e felizes, como eram antes de o mundo virar do avesso. Sentados em um banco de pedra entre arbustos transbordando com hidrângeas cor-de-rosa e azuis. No jardim formal da primeira residência deles, aquela bela mansão perto do mar. Nestha e a mãe delas não estavam à vista.

Era assim que tinha sido, no fim das contas: Elain e Feyre adoradas pelo pai. Nestha valorizada e treinada pela mãe.

Durante aquele primeiro tour, Nestha reparou na ausência dela ali. E na ausência da mãe delas. Não dissera nada, é claro, mas era uma ausência proposital.

Foi o bastante para, agora, fazer com que seus dentes trincassem, para fazer com que agarrasse a coleira invisível que mantinha o terrível poder dentro dela contido e puxasse com força, no momento em que Cassian passou para dentro do escritório e falou, para quem quer que os esperasse:

— Ela chegou.

Nestha se preparou, mas Feyre apenas riu.

— Está cinco minutos adiantada. Estou impressionada.

— Parece um bom presságio para apostas. Deveríamos ir até o Rita's — disse Cassian enquanto Nestha estrava no cômodo de painéis de madeira.

O escritório se abria para um exuberante jardim de pátio. O espaço era aconchegante e luxuoso, e talvez, se não tivesse visto quem estava sentado ali, ela admitiria que gostava das prateleiras do piso ao teto e da mobília de veludo cor de safira diante da lareira de mármore preto.

Feyre estava encostada no braço cilíndrico do sofá, vestindo um suéter branco pesado e legging preta.

Rhys, com o preto habitual, estava encostado na lareira, de braços cruzados. Sem asas hoje.

E Amren, vestindo o cinza que preferia, estava sentada de pernas cruzadas na poltrona de couro ao lado da lareira crepitante, com aqueles olhos prateados e sem expressão observando Nestha com desprezo.

Tanta coisa havia mudado entre ela e a fêmea.

Nestha se encarregara disso, dessa destruição. Ela não se permitia pensar naquela discussão no fim da festa de verão, na barca do rio. Ou no silêncio entre ela e Amren desde então.

Não houve visitas ao apartamento de Amren. Nem conversas enquanto montavam quebra-cabeças. Certamente nada de lições de magia. Ela se certificara dessa última parte também.

Feyre, pelo menos, sorriu para ela.

— Soube que teve uma noite e tanto.

Nestha olhou para onde Cassian havia reivindicado a poltrona diante de Amren, para o lugar vazio no sofá ao lado de Feyre e para onde Rhys estava, ao lado da lareira.

Ela manteve a coluna reta e o queixo erguido, odiando que todos a estivessem olhando quando ela escolheu se sentar no sofá ao lado da irmã. Odiando que Rhys e Amren tivessem notado os sapatos imundos dela, e que provavelmente ainda sentissem o cheiro daquele macho nela, apesar do banho.

— Você está deplorável — falou Amren.

Nestha não era tão burra a ponto de encarar a... o que quer que Amren fosse. Ela podia até ser Grã-Feérica agora, mas um dia tinha sido algo diferente. Não desse mundo. A língua dela ainda era afiada o bastante para ferir.

Como Nestha, Amren não tinha magia específica de uma corte relacionada aos Grão-Feéricos. Isso não tornava a influência dela nessa corte menos poderosa. Os próprios poderes de Grã-Feérica de Nestha jamais haviam se materializado — ela só possuía o que havia tomado do Caldeirão, em vez de deixar que ele lhe concedesse poderes, como fizera com Elain. Não fazia ideia do que tinha arrancado do Caldeirão enquanto ele roubava a humanidade dela — mas sabia que eram coisas que não queria e jamais desejaria entender e dominar. Só de pensar nisso seu estômago se revirava.

— Embora aposto que deva ser difícil ter boa aparência — prosseguiu Amren — quando se fica na rua até altas horas da noite, bebendo até cair e fodendo com qualquer coisa que aparece.

Feyre virou a cabeça para a segunda no comando do Grão-Senhor. Rhys pareceu concordar com Amren. Cassian ficou de boca fechada. Nestha disse, com tranquilidade:

— Eu não estava ciente de que minhas atividades estavam sob sua jurisdição.

Cassian soltou um murmúrio que soou como um aviso. Para qual deles, ela não sabia dizer. E nem se importava.

Os olhos de Amren brilharam, um resquício do poder que um dia tinha queimado dentro dela. E que agora já não estava mais ali. Nestha sabia que o poder dela podia brilhar assim também — mas enquanto o de Amren tinha se revelado ser luz e calor, Nestha sabia que a chama prateada dela vinha de um lugar mais frio e mais escuro. Um lugar que era antigo — e, ao mesmo tempo, completamente novo.

Amren a desafiou:

— Já que você gasta tanto do nosso ouro com vinho, elas estão, sim.

Talvez ela tivesse forçado a barra com a conta da noite anterior.

Nestha olhou para Feyre, que estremeceu.

— Então você me fez mesmo vir até aqui para ouvir um sermão?

Os olhos de Feyre — espelhos dos dela mesma — se suavizaram um pouco.

— Não, não é um sermão. — Ela lançou um olhar afiado para Rhys, ainda friamente calado contra a lareira, e então para Amren, que fervilhava de ódio na poltrona. — Pense nisso como uma discussão.

Nestha ficou de pé bruscamente.

— Minha vida não é da sua conta, nem está aberta a nenhum tipo de *discussão*.

— *Sente-se* — grunhiu Rhys.

O comando feroz naquela voz, o completo domínio e poder...

Nestha congelou, combatendo e odiando aquela parte feérica dela que se curvava a tais coisas. Cassian se inclinou para a frente na cadeira, como se fosse saltar entre eles. Ela podia jurar que algo parecido com dor percorreria o rosto dele.

Mas Nestha encarou Rhysand de volta. Colocou cada gota de rebeldia que tinha naquele olhar, mesmo que a ordem dele fizesse os joelhos dela *quererem* se dobrar, se sentar.

Rhys falou:

— Você vai ficar. E vai ouvir.

Ela soltou uma gargalhada baixa.

— Você não é meu Grão-Senhor. Não manda em mim. — Mas ela sabia o quanto ele era poderoso. Tinha visto, sentido. Ainda tremia ao estar perto dele.

Rhys sentiu o cheiro daquele medo. Um dos cantos de sua boca se curvou em um sorriso cruel.

— Quer brigar, Nestha Archeron? — ronronou ele. O Grão-Senhor da Corte Noturna indicou o gramado inclinado além das janelas. — Temos bastante espaço para uma luta.

Nestha exibiu os dentes, silenciosamente rugindo para que o corpo obedecesse às ordens *dela*. Preferiria morrer a se curvar a ele. A qualquer um deles.

Rhys sorriu ainda mais, sabendo muito bem daquilo.

— Chega — disparou Feyre para Rhys. — Falei para você ficar fora disso.

Ele levou os olhos salpicados de estrelas para a parceira, e Nestha só pode se segurar para não desabar no sofá quando seus joelhos, por fim, cederam. Feyre inclinou a cabeça e, com as narinas se dilatando, disse a Rhysand:

— Você pode ou *ir embora*, ou ficar e manter a boca fechada.

Rhys, de novo, cruzou os braços, mas não disse nada.

— Você também — disparou Feyre para Amren. A fêmea bufou e se aninhou na poltrona.

Sentada no sofá por cima das almofadas de veludo, Nestha nem se deu o trabalho de parecer agradecida quando Feyre se virou para encará-la. A irmã engoliu em seco.

— Precisamos fazer algumas mudanças, Nestha — disse Feyre, com a voz rouca. — Você precisa... e *nós* precisamos.

Onde estava Elain, caramba?

— Eu aceito a culpa — prosseguiu Feyre —, por ter permitido que as coisas chegassem a esse ponto. Depois da guerra contra Hybern e com tudo o mais que estava acontecendo... Você... eu deveria ter te ajudado, mas não ajudei, e estou pronta para admitir que isso é parcialmente minha culpa.

— Que *o que* é sua culpa? — sibilou Nestha.

— Você — disse Cassian. — Esse seu comportamento de bosta.

Ele havia dito aquilo no Solstício de Inverno. E da mesma forma que acontecera naquela época, a coluna dela travou ao ouvir o insulto, a *arrogância*...

— Olhe — prosseguiu Cassian, estendendo as mãos —, não é uma falha moral, mas...

— Eu entendo como está se sentindo — interrompeu Feyre.

— Você não sabe *nada* sobre como estou me sentindo.

Feyre insistiu.

— Está na hora de fazer mudanças. Começando agora.

— Não venha tentar mandar na minha vida com essa baboseira pretensiosa e caridosa.

— Você não tem vida — replicou Feyre. — E não vou me sentar por mais um segundo e observar você se destruir. — Ela levou a mão tatuada até o coração, como se isso significasse alguma coisa. — Decidi que depois da guerra lhe daria tempo, mas parece que aquilo foi errado. *Eu* estava errada.

— Ah, não me diga. — Essas palavras foram como uma adaga atirada entre as duas.

Rhys ficou tenso diante do deboche, mas mesmo assim não disse nada.

— Já chega — sussurrou Feyre, com a voz trêmula. — Desse comportamento, daquele apartamento, de tudo isso... já *chega*, Nestha.

— E para onde — falou Nestha, com um tom gélido — eu vou?

Feyre olhou para Cassian.

Pela primeira vez, Cassian não estava sorrindo.

— Você vem comigo — disse ele. — Para treinar.



## CAPÍTULO 2

Cassian sentiu como se tivesse lançado uma flecha em um dragão de fogo adormecido. Nestha, embrulhada naquele casaco azul desgastado, com sapatos manchados e o vestido cinza amarrotado, olhou-o de cima a baixo e exigiu saber:

— *Como é que é?*

— A partir desta reunião — explicou Feyre —, você vai se mudar para a Casa do Vento. — Ela indicou o leste com a cabeça, na direção do palácio escavado nas montanhas do outro lado da cidade. — Rhys e eu decidimos que toda manhã você vai treinar com Cassian no acampamento Refúgio do Vento, nas montanhas Illyrianas. Depois do almoço, durante o resto da tarde, será encarregada de trabalhar na biblioteca sob a Casa do Vento. Mas o apartamento, as tavernas indecentes... tudo isso *acabou*, Nestha.

Os dedos de Nestha se fecharam em punhos no colo dela. Mas ela não disse nada.

Ele deveria ter se colocado ao lado dela, em vez de permitir que sua Grã-Senhora se sentasse naquele sofá ao alcance de Nestha. Não importava que Feyre já tivesse um escudo em volta do corpo, cortesia de Rhys — escudo esse que também se fizera presente durante o café da manhã. *Faz parte do meu treinamento*, murmurara Feyre quando Cassian perguntou sobre as defesas inabaláveis, tão fortes que até mesmo disfarçavam o cheiro dela. *Rhys pediu que Helion ensinasse a ele sobre escudos verdadeiramente impenetráveis, então, é claro, eu tenho o prazer de ser a cobaia. Eu deveria tentar quebrar este para ver se Rhys está seguindo as instruções de Helion corretamente. É um tipo novo de loucura.*

Mas uma loucura que se provara fortuita. Mesmo que não soubessem *o que* o poder de Nestha podia fazer contra magia comum.

Rhys parecia pensar o mesmo, e Cassian se preparou para saltar entre as duas irmãs. Os Sifões dele se acenderam em aviso quando o poder de Rhys estremeceu.

Cassian não tinha dúvidas de que Feyre podia se defender contra a maioria dos oponentes, mas Nestha...

Ele não tinha tanta certeza de que Feyre revidaria o golpe, mesmo que Nestha lançasse aquele poder terrível contra ela. E ele odiava não saber se Nestha poderia se rebaixar tanto a ponto de fazer isso. Odiava que as coisas tivessem ficado tão ruins a ponto de ele chegar a considerar essa possibilidade.

— Não vou me mudar para a Casa do Vento — disse Nestha. — E não vou treinar naquela aldeia miserável. Com certeza não com *ele*. — Ela lançou a Cassian um olhar que era puro veneno.

— Isso não está aberto a discussão — falou Amren, quebrando, pela segunda vez em poucos minutos, a promessa de ficar fora da discussão o máximo possível. A mais velha das irmãs Archeron tinha um talento para dar nos nervos de todos. Mas Nestha e Amren sempre compartilharam um elo, um entendimento.

Até a briga delas no barco.

— Ah, mas é certo que está — desafiou Nestha, mas sem tentar ficar de pé quando os olhos de Rhys brilharam com um aviso frio.

— Suas coisas no apartamento estão sendo empacotadas neste momento — disse Amren, brincando com uma bolinha de linha da blusa de seda. — Quando você voltar, estará vazio. Suas roupas já estão sendo enviadas para a Casa, embora eu duvide que sejam adequadas para treinar no Refúgio do Vento. — Ela deu um olhar significativo para o vestido cinza de Nestha, mais largo nela do que fora um dia. Será que Nestha reparou no sutil brilho de preocupação nos olhos nebulosos de Amren, será que entendia o quanto aquilo era raro?

Mais do que isso, será que Nestha entendia que aquela reunião não era para condená-la, mas, em vez disso, por pura preocupação com seu bem-estar? Seu olhar fulminante informou a Cassian que ela considerava aquilo puramente um ataque.

— Não podem fazer isso — disse Nestha. — Não faço parte desta corte.

— Você não parece ter problemas com gastar o dinheiro desta corte — replicou Amren. — Durante a guerra contra Hybern, você aceitou

ser nossa emissária humana. E nunca se desligou desse papel, então a lei formal ainda a considera parte oficial desta corte. — Com um gesto dos pequenos dedos dela, um livro flutuou na direção de Nestha antes de bater nas almofadas ao seu lado. Essa era basicamente toda a magia que Amren agora possuía, magia de Grã-Feérica medíocre e ordinária. — Página 236, se quiser verificar.

Amren tinha esquadrinhado as *leis* deles para aquilo? Cassian nem mesmo sabia que tal regra existia — ele havia aceitado a posição que Rhys lhe oferecera sem questionar, sem se importar com o que estava concordando, só queria que ele, Rhys e Azriel pudessem ficar juntos. Que tivessem um lar que ninguém jamais poderia tomar deles. Até Amarantha.

Ele jamais deixara de ser grato por aquilo: pela Grã-Senhora a poucos centímetros dele, que salvara a todos do reinado de Amarantha, que devolvera o irmão a ele e então tirara Rhys da tristeza que havia restado.

— Então, aqui estão suas opções, menina — disse Amren, com o queixo delicado se erguendo. Cassian não deixou de notar o olhar entre Feyre e Rhys: a completa angústia no rosto de sua Grã-Senhora devido ao ultimato que ele sabia que seria apresentado a Nestha e ao ódio mal contido em Rhys porque a parceira dele estava sentindo tamanha dor por causa disso. Ele já vira aquele olhar ser trocado uma vez hoje — e teve esperança de não o ver de novo.

Cassian estava tomando café cedo com eles naquela manhã quando Rhys recebeu a conta da noitada de Nestha. Quando Rhys leu cada item em voz alta. Garrafas de vinho raro, comidas exóticas, dívidas de jogos...

Feyre encarou o prato até que lágrimas silenciosas pingassem nos ovos mexidos dela.

Cassian sabia que houvera conversas anteriores, ou melhor, brigas, a respeito de Nestha. Discussões ponderando se dariam a ela tempo para se curar sozinha, como todos acreditaram que aconteceria a princípio, ou se deveriam intervir. Mas quando Feyre chorou à mesa, ele soube que aquele era algum tipo de ponto final. A aceitação de uma esperança que falhara.

Fora preciso o treinamento de Cassian, cada horror que ele havia suportado dentro e fora do campo de batalha, para não deixar aquela tristeza esmagadora aparente em seu rosto.

Rhys colocara a mão na de Feyre para confortá-la, apertando carinhosamente antes de olhar para Azriel, depois para Cassian, e dispor seu plano. Como se o tivesse pronto e esperando há muito, muito tempo.

Elain havia chegado na metade da explicação. Ela estava trabalhando nos jardins da propriedade desde o alvorecer, e permanecera séria conforme Rhys a inteirava. Feyre não conseguira dizer nada. Mas o olhar de Elain permaneceu firme enquanto ela ouvia Rhys.

Então Rhys convocou Amren do apartamento no sótão, do outro lado do rio. Feyre insistira para que a ordem viesse de Amren, não de Rhys, para preservar qualquer tipo de laço familiar entre Rhys e a irmã.

Para início de conversa, Cassian não achava que havia mais laço nenhum, mas avançando para se ajoelhar ao lado de Feyre, limpando o restante das lágrimas e beijando a têmpora dela, Rhys tinha concordado. Foi então que todos deixaram a mesa, dando privacidade ao Grão-Senhor e à Grã-Senhora.

Cassian levantou voo momentos depois, deixando o rugir do vento abafar todos os pensamentos e o frio resfriar seu coração acelerado. Aquele encontro, o que estava por vir... nada seria fácil.

Amren, eles haviam concordado, sempre fora uma das poucas pessoas que conseguiam influenciar Nestha. A quem Nestha parecia temer, ainda que só um pouquinho. Que entendia, de alguma forma, o que Nestha era lá no fundo.

Ela era a única com quem Nestha havia falado de verdade depois da guerra.

Não parecia ser coincidência que no último mês, desde que as duas tinham brigado naquele barco, o comportamento de Nestha tivesse se deteriorado mais. Que a aparência dela agora estivesse... assim.

— Um — falou Amren, erguendo um dedo fino —, você pode se mudar para a Casa do Vento, treinar com Cassian pelas manhãs e trabalhar na biblioteca durante as tardes. Não será uma prisioneira. Mas não haverá ninguém para voar ou atravessar você até a cidade. Se resolver se aventurar na cidade, como quiser, vá em frente. Quer dizer, se conseguir desbravar os dez mil degraus. — Os olhos de Amren brilharam com o desafio. — E se conseguir de alguma forma encontrar duas moedas para comprar uma bebida. Mas se seguir esse plano, vamos reavaliar onde e como você vive em alguns meses.

— E minha outra opção? — disparou Nestha.

Pela Mãe do céu, o que foi que deu nessa mulher — fêmea. Não era mais humana. Cassian conseguia pensar em pouquíssimas pessoas que desafiariam Amren e Rhys. Certamente não no mesmo cômodo. Certamente não com tanto veneno.

— Você volta para as terras humanas.

Amren sugerira alguns dias no calabouço da Cidade Escavada, mas Feyre simplesmente dissera que o mundo humano seria prisão mais do que suficiente para alguém como Nestha.

Alguém como Feyre também. E Elain.

Todas as três irmãs eram agora Grã-Feéricas com poderes consideráveis, embora apenas os de Feyre estivessem à mostra. Nem mesmo Amren fazia ideia se os poderes de Elain e Nestha permaneciam. O Caldeirão dera a elas poderes únicos, diferentes dos de outros Grão-Feéricos: o dom da vidência para a primeira e o dom de... Cassian não sabia como chamar o dom de Nestha. Não sabia sequer se era um dom — ou algo que ela havia tomado. O fogo prateado, aquela sensação de morte que paira, o poder puro que ele havia testemunhado conforme explodia no rei de Hybern. Seja lá o que fosse, existia além do habitual leque de dons de Grão-Feéricos.

Para elas, o mundo humano tinha ficado para trás. Elas jamais poderiam voltar. Embora todas as três fossem heroínas de guerra, cada uma de seu jeito, os humanos não se importavam. Ficariam muito, muito longe se não fossem provocados a agir com violência. Então, sim: Nestha poderia, tecnicamente, voltar às terras humanas, mas ela não encontraria companhia lá, nenhuma acolhida, nenhuma cidade que a aceitasse. Seja lá onde decidisse viver, encontraria, sim, um lugar para ficar, mas estaria essencialmente presa em casa, confinada ao terreno da própria moradia pelo medo dos preconceitos humanos.

Com os lábios se retraíndo dos dentes, Nestha se virou para Feyre.

— E essas são minhas únicas opções?

— Eu... — Feyre se segurou antes que pudesse completar com *sinto muito*, então esticou os ombros. Tornando-se a Grã-Senhora da Corte Noturna, mesmo sem a coroa preta, mesmo usando o suéter velho de Rhys. — Sim.

— Você não tem direito.

— Eu...

Nestha explodiu.

— *Você* me arrastou para essa confusão, para este lugar horrível. *Você* é o motivo pelo qual eu sou assim, pelo qual eu estou *presa* aqui...

Feyre se encolheu. O ódio de Rhys se tornou palpável, um pulso de poder beijado pela noite que apertou o estômago de Cassian e deixou cada instinto de guerreiro forjado nele alerta.

— Já chega — sussurrou Feyre.

Nestha piscou.

Feyre engoliu em seco, mas não recuou.

— Já *chega*. Você vai se mudar para a Casa, vai treinar e trabalhar, e não me importa o veneno que cuspa em mim. Você vai e pronto.

— Elain precisa conseguir me ver...

— Elain concordou com isso há horas. Ela está, no momento, empacotando suas coisas. Estarão à sua espera quando você chegar.

Nestha se encolheu.

Feyre não cedeu.

— Elain sabe como contatar você. Se ela quiser lhe visitar na Casa do Vento, tem liberdade para isso. Um de nós a levará até lá com prazer.

As palavras pairaram entre elas, tão pesadas e desconfortáveis que Cassian disse:

— Prometo que não mordo.

O lábio superior de Nestha se retraiu quando ela o encarou.

— Suponho que isso tenha sido ideia *sua*...

— Foi — mentiu ele, com um sorriso. — Vamos nos divertir juntos.

Eles provavelmente se matariam.

— Quero falar com minha irmã, sozinha — ordenou Nestha.

Cassian olhou para Rhys, que lançou um olhar avaliador para Nestha. Cassian fora alvo daquele mesmo olhar algumas vezes ao longo dos séculos e não invejava Nestha nem um pouco. Mas o Grão-Senhor da Corte Noturna assentiu.

— Estaremos no corredor.

O punho de Cassian se fechou diante do insulto implícito de que não confiavam nela o suficiente para ficarem mais longe do que aquilo, mesmo com o escudo sobre Feyre. Mesmo que a parte racional dele, a que pensava como um guerreiro, concordasse. Os olhos de Nestha faiscaram, e ele percebeu que ela havia entendido também.

Pela forma como a mandíbula de Feyre se contraiu, ele suspeitou que ela não estivesse satisfeita com a sutil alfinetada, e não adiantaria nada convencer Nestha de que estavam fazendo aquilo para ajudá-la. Rhys receberia a surra verbal que merecia depois.

Cassian esperou até que Rhys e Amren se levantassem antes de segui-los para fora. Fiel à palavra, Rhys deu três passos no corredor, afastando-se das portas de madeira enfeitadas contra bisbilhoteiros, e se recostou na parede.

Fazendo o mesmo, Cassian disse a Amren:

— Eu nem sabia que tínhamos leis como essa sobre membros da corte.

— Não temos. — Amren limpou as unhas pintadas de vermelho.  
Ele xingou baixinho.

Rhys deu um sorriso sarcástico. Mas Cassian franziu a testa na direção das portas duplas fechadas e rezou para que Nestha não fizesse nada estúpido.



Nestha manteve a coluna esticada como um bastão, o que fez suas costas doerem pelo esforço. Jamais odiara tanto alguém quanto odiava todos eles agora. Exceto pelo rei de Hybern, supunha ela.

Todos andavam conversando sobre ela, considerando-a inepta e fora de controle e...

— Você não se importava antes — falou Nestha. — Por que agora?

Feyre brincou com o anel de casamento de prata com safira de estrela.

— Eu lhe disse: não é que eu não me importasse. Nós, todos nós, tivemos várias conversas a respeito. Sobre você. Nós... *eu* decidi que dar tempo e espaço a você seria melhor.

— E o que Elain disse sobre isso? — Parte dela não queria saber.

A boca de Feyre se contraiu.

— A questão aqui não é Elain. E até onde eu sei, você mal a vê também.

Nestha não tinha se dado conta de que a estavam observando tão atentamente.

Ela jamais explicara a Feyre — jamais encontrara as palavras para explicar — por que tinha se afastado tanto de todos eles. Elain tinha sido roubada pelo Caldeirão e salva por Azriel e Feyre. Mas o terror ainda se agarrava a Nestha, tanto acordada quanto dormindo: a lembrança da sensação daqueles momentos depois de ouvir o chamado sedutor do Caldeirão e perceber que tinha sido por Elain, não por ela ou Feyre. A sensação de encontrar a tenda de Elain vazia, de ver aquela capa azul jogada.

As coisas só tinham piorado desde então.

*Vocês têm suas vidas, e eu tenho a minha*, foi o que ela disse a Elain no último Solstício de Inverno. Sabia o quão profundamente isso magoaria sua irmã. Mas não suportava o horror que ainda estava encrustado em seus ossos. Os lampejos daquela capa jogada ou das águas frias do Caldeirão ou de Cassian rastejando até ela ou do pescoço do pai dela se quebrando...

Feyre disse, com cautela:

— Se faz alguma diferença, eu esperava que você tomasse jeito sozinha. Queria lhe dar espaço para fazer isso, pois você parece atacar todos que chegam perto, mas você nem mesmo *tentou*.

*Talvez você possa encontrar uma forma de tentar com mais afinho este ano.* As palavras de Cassian, de nove meses atrás, ainda ecoavam na mente de Nestha, proferidas em uma rua coberta de gelo a alguns quarteirões dali.

*Tentar?* Foi tudo o que ela conseguiu dizer.

*Sei que é uma palavra desconhecida para você.*

Então o ódio de Nestha explodiu de dentro dela. *Por que eu deveria tentar fazer alguma coisa? Fui arrastada para este seu mundo, para esta corte.*

*Então vá para outro lugar.*

Ela havia engolido a resposta: *Não tenho para onde ir.*

Era verdade. Não desejava voltar para o mundo humano. Jamais se sentira em casa lá, não de verdade. E esse estranho e novo mundo feérico... Ela poderia ter aceitado o corpo diferente, alterado, poderia ter aceitado que agora estava permanentemente mudada e que sua humanidade se fora, mas não sabia qual era seu lugar neste mundo também. Esse era um pensamento que ela tentava afogar com bebida, música e carteados, tão frequentemente quanto usava essas coisas para abafar aquele poder que se contorcia dentro dela.

Feyre prosseguiu:

— Tudo o que você fez foi se servir de nosso dinheiro.

— Dinheiro do seu parceiro. — Outro lampejo de dor. O sangue de Nestha ferveu com o golpe direto. — Muito obrigada por arrumar tempo na sua rotina de cuidar da casa e fazer compras para se lembrar de mim.

— Construí um quarto nesta casa para você. *Pedi* que você me ajudasse a decorá-lo. Você me mandou dar o fora.

— Por que eu iria querer ficar nesta casa? — Onde ela podia ver exatamente o quanto eles eram felizes, onde nenhum deles parecia remotamente tão arrasado quanto ela por causa da guerra. Tinha chegado tão perto de fazer parte daquele círculo. Segurara a mão deles quando ficaram juntos na manhã da última batalha e acreditaram que poderiam, todos, sobreviver.

Então ela descobriu exatamente como aquilo poderia ser arrancado sem misericórdia. Descobriu o verdadeiro custo da esperança, da alegria e do amor. Nestha jamais gostaria de encarar aquilo de novo. Não queria dar vazão ao que havia sentido naquela clareira na floresta, com o rei de Hybern gargalhando e com sangue por toda parte. O poder dela não fora o suficiente para salvá-los naquele dia. Ela achou que, aprisionando o poder dentro de si desde então, estava punindo-o por ter falhado.

Feyre disse:

— Porque você é minha irmã.

— Sim, e você sempre se sacrifica por nós, sua triste familiazinha humana...

— Você gastou *quinhentos marcos de ouro* ontem à noite! — explodiu Feyre, ficando de pé para caminhar de um lado para outro diante da lareira. — Sabe quanto dinheiro é isso? Sabe o quanto eu fiquei *envergonhada* quando recebemos a conta esta manhã e meus amigos, minha *família*, precisaram ouvir tudo?

Nestha odiava aquela palavra. O termo que Feyre usava para descrever a corte dela. Como se as coisas tivessem sido tão terríveis com a família Archeron que Feyre precisara encontrar outra família. Como se tivesse escolhido a própria família. As unhas de Nestha se enterraram nas palmas das mãos e a dor sobrepujou aquele aperto no peito.

Feyre prosseguiu:

— E saber não apenas o valor da conta, mas com o que você *gastou*...

— Ah, então a questão aqui são as aparências...

— A questão é que isso se reflete em mim, em Rhys e em minha corte quando minha maldita irmã gasta nosso dinheiro com vinho e apostas e não faz *nada* para contribuir com esta cidade! Se minha irmã não pode ser controlada, então por que deveríamos ter o direito de governar mais alguém?

— Não sou algo que você pode controlar — disse Nestha, friamente. Tudo na vida dela, desde o momento em que nasceu, tinha sido controlado por outras pessoas. As coisas aconteciam *com* ela; sempre que tentava exercer controle, era massacrada a cada tentativa, e ela odiava isso mais do que odiava o rei de Hybern.

— É por isso que você vai treinar no Refúgio do Vento. Vai aprender a *se* controlar.

— Não vou.

— Vai, sim, mesmo que precise ser amarrada e arrastada até lá. Vai acompanhar as lições de Cassian, e vai fazer qualquer que seja o trabalho que Clotho exija de você na biblioteca. — Nestha bloqueou a lembrança das profundezas escuras da biblioteca, do monstro antigo que morava ali. Tinha salvado todos dos enviados de Hybern, sim, mas... Ela se recusava a pensar naquilo. — Você vai mostrar respeito a ela e às outras sacerdotisas da biblioteca — disse Feyre —, e *nunca* vai causar qualquer incômodo a elas. Qualquer tempo livre que tenha é seu para gastar como quiser. Na Casa.

Um ódio quente pulsou dentro dela, tão intenso que Nestha mal conseguiu ouvir o fogo de verdade diante do qual sua irmã andava. Ela ficou

feliz com os rugidos na mente, pois o som de madeira estalando quando queimava era tão parecido com o pescoço do pai dela se partindo que Nestha não conseguia suportar acender a lareira dentro da própria casa.

— Você não tinha o direito de fechar meu apartamento, de pegar minhas coisas...

— Que coisas? Algumas roupas e comida estragada. — Nestha não teve a chance de se perguntar como Feyre sabia daquilo. Não quando sua irmã disse: — Vou mandar condenar aquele prédio todo.

— Você não ousaria.

— Já era. Rhys já visitou o proprietário. Será demolido e reconstruído como abrigo para famílias ainda desabrigadas pela guerra.

Nestha tentou controlar a respiração irregular. Uma das poucas escolhas que tinha feito para si mesma, arrancada dela. Feyre não parecia se importar. Feyre sempre fora senhora dela mesma. Sempre conseguiu tudo o que quis. E agora, ao que parecia, seria concedido a Feyre este desejo também. Nestha ferveu de ódio:

— Nunca mais quero falar com você.

— Tudo bem. Pode falar com Cassian e as sacerdotisas em vez de comigo.

Ela não conseguiria usar insultos para se livrar daquilo.

— Não serei sua prisioneira...

— Não. Você pode ir aonde quiser. Como Amren disse, está livre para deixar a Casa. Se conseguir descer aqueles dez mil degraus. — Os olhos de Feyre faiscaram. — Mas cansei de bancar a sua destruição.

Destruição. O silêncio murmurou nos ouvidos de Nestha e ondulou pelas chamas dela, sufocando-as, calando a ira insuportável. Um silêncio completo e congelado.

Ela havia aprendido a viver com o silêncio que havia começado no momento em que o pai dela morreu, o silêncio que havia começado a esmagá-la quando ela foi até o escritório dele na mansão semidestruída deles dias depois e encontrou um de seus entalhes de madeira patéticos. Ela quisera gritar e gritar, mas tinha tanta gente em volta. Nestha havia se contido até que a reunião com todos aqueles heróis de guerra acabasse. E então se deixou desabar. Direto naquele poço de silêncio.

— Os outros estão esperando — disse Feyre. — Elain deve ter terminado a esta altura.

— Quero falar com ela.

— Ela lhe visitará quando estiver pronta.

Nestha encarou a irmã.

Os olhos de Feyre brilharam.

— Acha que não sei por que você afastou Elain?

Nestha não queria falar sobre aquilo. Sobre o fato de que *sempre* tinha sido ela e Elain. E, de alguma forma, agora a dupla havia se tornado Feyre e Elain. Elain escolhera Feyre e essa gente, e a abandonara. Amren tinha feito o mesmo. Ela deixara isso óbvio na barca.

Nestha não dava a mínima para o fato de que, durante a guerra contra Hybern, ela mesma havia formado um laço hesitante com Feyre, forjado devido a objetivos em comum: proteger Elain e salvar as terras humanas. Eram desculpas, percebera Nestha, para disfarçar o que agora fervia e se debatia no coração dela.

Nestha não se deu ao trabalho de responder, e Feyre não tornou a falar ao partir.

Não havia mais nada que unisse as duas.